

FONTE : JB

CLASS. : 1402

DATA : 30 06 91

PG. : 12

Marina Colasanti

## Estupro, as vagas fronteiras

**A**o demitir Cantídio Guerreiro da presidência da Funai, semana passada, o ministro Passarinho alegou "inoperância" na demarcação do território ianomâmi. Não fez qualquer menção ao documento que lhe havia sido entregue por representantes de 70 nações indígenas, para aquecer o óleo da fritura. Assinado por 58 chefes, confirmava as denúncias do cacique Megaron Txucarãmãe, segundo as quais Cantídio teria "abusado" de uma índia, fotografado índias nuas e tomado banho nu com os índios, "molestando moças e adolescentes". Esses são assuntos delicados, de fronteiras mais imprecisas do que as dos territórios indígenas. Assuntos que, mesmo quando pertencem à vida pública, costumam ser empurrados para a discrição da vida privada.

Uma denúncia não é um fato. Uma denúncia só se torna fato depois de comprovada. E quem é que vai querer comprovar o "abuso" da mulher índia, uma vez que Cantídio já foi demitido? Quanto às fotos, o ex-presidente da Funai confirma. E confirma os banhos. As mulheres estavam ali, índias, nuas, e ele as fotografou como fotografaria garças ou paisagens, em seu estado



natural. Ele próprio, em seu estado natural, tomou banho de rio com os índios. E pergunta sorridente para a imprensa, "Qual é o mal?"

Não se trata apenas da comprovada incompetência de Cantídio para o estabelecimento de limites. Trata-se da complacência dos limites. Qual é o mal de fotografar uma índia nua? Qual é o mal de seduzir uma índia? Seduzir é o mesmo que abusar? E, estando uma índia nua, como é o seu natural, e despertando com sua nudez o desejo de um homem branco acostumado a mulheres naturalmente vestidas, e expressando este o seu desejo de forma enfática, suficientemente enfática para vencer a resistência da índia e conseguir o que dela quer, seria isso uma sedução, um abuso? Ou um estupro?

Troquemos a índia por uma mulher urbana qualquer, de jeans ou salto alto. As mesmas dúvidas persistem.

Qualificar o estupro, fora da cena clássica da faca na garganta, parece ser muito difícil. E mesmo com a faca na garganta... Na Flórida,

um homem acusado de violentar uma conhecida, ameaçando-a com uma faca, foi absolvido porque ela usava short de renda, sem nada embaixo. E toda mulher já ouviu algum homem afirmar que o grau de provocação pode justificar o estupro. Não há novidade nisso. Os homens, lutando para não serem incriminados, sempre puxaram a fronteira do estupro para lá.

A novidade está em que agora as mulheres, lutando para não serem agredidas, estão puxando esta mesma fronteira para cá. E nesse cabo-de-guerra a fronteira se esgarça.

Procurando dar-lhe maior consistência, os americanos criaram uma nova definição: *date-rape*. O homem que sai com uma conhecida, ou uma amiga, para um programa, um jantar, um cinema e depois, na volta para casa, pula-lhe em cima, sem seu consentimento, é um estupro. E, mesmo se

chegando em casa, ela o convida a entrar, e na previsível cena do sofá rolam beijos e abraços, desde que ela não queira o resto, e ele force, é um estupro. Tal e qual o da faca.

Os homens reagem a esta demarcação. O

limite, dizem eles, tem que ser estabelecido cronologicamente antes. Uma vez despertado o desejo, ninguém segura, as responsabilidades se confundem.

As responsabilidades, retrucam as mulheres, só se confundem depois que a gente diz sim. E a gente tem que poder dizer sim, ou não, quando bem entender. Impensável ter que, antes de aceitar qualquer convite, negociar a inclusão ou exclusão da transa. Grotresco ter que agendar o desejo. E, em muitas situações, o cinema ou o jantar destinam-se exatamente à avaliação de um possível candidato, pelo que não faria sentido decidir antes. Quanto ao desejo irrefreável, é impossível de aceitar, afinal, não é permitido assaltar joalherias só porque os diamantes exibidos sobre veludo negro e iluminação especial atiçam nosso desejo de possuí-los.

A fronteira confunde-se, não porque as partes não saibam o que entendem por estupro. Mas porque o que entendem não coincide. Para os homens, estupro, estupro mesmo, é aquele com a faca. E, ainda assim... Para as mulheres é qualquer coisa que lhes tire o direito de decidir, com quem querem e quando querem, mesmo que a decisão ocorra no último momento, mesmo depois de beijos e abraços, mesmo na cama.

Jornalista e escritora